

produzir sem

Mario Tommaso¹

– ã?!

– Sim. Está no *Grande sertão*: “Pão ou pães...”

– Ah... adoro Guimarães!

Abrimos, com esta revista, mais um espaço de publicação para pesquisadores da casa e de outras instituições, bem-vindos. O que nos anima é a possibilidade de acolher textos de alunos e constituir um novo meio para a circulação e o debate de ideias em torno de literatura e temas afins.

Ao elaborarmos uma revista discente, pudemos olhar a atividade crítica percorrendo seus caminhos práticos. No corpo-a-corpo com autores e seus textos, pareceristas, instituições e profissionais implicados, percebemos que nunca se abre um espaço neutro ou impunemente.

tiido

Mesmo irreduzíveis contra o modelo dirigista que hoje pesa sobre a avaliação da pesquisa no Brasil, não podíamos limitar nossa ação ao testemunho mal-humorado. É preciso dar sentido aos nossos trabalhos. Vale, por certo, acusar o *non sense* que a burocratização instala entre os meios e as finalidades da vida universitária. Burocracia, dita assim, não como a legitimação necessária às relações por ela asseguradas: trata-se da cadeia confusa que desarticula o trabalho de produção de conhecimento, ao articular as reduções de tempo dos cursos, a multiplicação de relatórios, pareceres, *papers* e afins, a hiperespecialização das ditas linhas de pesquisa, a difusão vista como prestação direta de serviços, o imediatismo solicitado pelos governos e por certos aparelhos da mídia, com suas listas negras de “improdutivos”, etc. Talvez José Paulo Paes nos compreenda, como brincava em sua “Pavloviana”:

a comida
 a sineta
 a saliva
 a sineta
 a saliva
 a saliva
 a saliva
 a saliva
 a saliva
 a saliva

A crítica, sob o chamado *produtivismo*, pode acabar se tornando também, por assim dizer, salivar. Ao sinal de todos os compromissos técnicos, políticos, financiadores

e carreiristas, poderá ser vivida como simulação ou morrer na própria boca, quando não se tornar mais um dos protocolos.

Essa irracionalidade se dá pelo princípio quantitativo da avaliação do ensino superior. Para financiar segundo pontos, avalia-se fisicamente, pelo número de produtos da instituição, levando-a a inflacioná-los se quiser ser bem cotada e paga. Não importaria assim o que se escreve, o que se diz, mas quantas vezes e com que dimensões volumétricas. O pesquisador excelente, segundo tal prática, mal deve questionar o estado de sua pesquisa, mas calcular que publicações estrangeiras são nossa Meca ou instituições já corroboradas como produtivistas são necessariamente melhores.

Estamos habituados ao uso do verbo “produzir” em duas acepções distintas: para descrever e valorizar vários atos simbólicos (como produzirmos poemas, contos, ensaios, ideias, efeitos, sentido) e para indicar operações materiais de multiplicação, difusão ou controle (como se produzem eventos, revistas, livros, processos, suportes, arquivos). É preciso marcar a diferença e não tomar a segunda como alegoria da primeira. Quando se engrandece a produção dos meios ao máximo e à força, sob demanda antecipatória, o discurso ali trocado aparece mais como um sistema de *reproduções*. O que poderia parecer democratização, acesso, colabora para a má distribuição do conhecimento.

Não é apenas irracional o modo, portanto, como a linguagem dos processos burocráticos é usada para arquivar, silenciar ou ridicularizar qualquer formulação de um conceito, de uma posição política, ética ou estética. É no interior da própria composição dos textos da chamada “literatura cinza” que vemos o *modus operandi* quantitativo produzir seus efeitos: a troca de lugares comuns, a não produção da diferença.

Nela não se comunica além do mero fato de publicar. O vocabulário crítico, a ferramenta analítica – a base mesma do pensamento, sua linguagem – são reduzidos a índices de função fática.

O que fazer? Abrir o campo não é, certamente, o ideal da “sociedade da comunicação” – da comunicação intransitiva e, por isso, banal. Escolhermos produzir uma revista discente implica um duplo aprendizado. O de produzir espaço, ou o de aprender a ser espaço: viabilizar materialmente a constituição de um grupo de trabalho, receber o fluxo de textos que pedem visibilidade, obter financiamento, dialogar com autores, pareceristas, professores, pensar a revista como objeto, seu material e desenho, etc. O segundo aprendizado, então, é de que não se abre um espaço neutro, de que há uma função educativa neste processo: é preciso acolher a pluralidade, buscar um amplo matiz de propostas críticas e de opiniões, mas supor que cada ponto de vista seja exigente e consequente, antes de tudo, consigo mesmo. É assim que critérios de qualidade e de valor podem ser de fato explicitados em uma devolutiva capaz de perceber a atividade acadêmica, a produção de textos e a da própria revista como um processo.

No espaço público em que ofertam seus trabalhos, os autores se dispõem a dialogar, debater, aprender, cooperar – e é função mínima das instituições universitárias constituir tal espaço.

Aqui apresentamos, portanto, a realização deste experimento.

A chamada para o primeiro número não delimitou um tema específico, atraindo contribuições variadas.

A seção de artigos começa com "A realidade flutuante em *Insônia*", em que Edilson Moura focaliza os contos de Graciliano Ramos, parte pouco estudada de sua obra, para sondar suas relações com certos aspectos do modernismo ligados à busca por incidir sobre a percepção e a experiência.

Em "Os romances de Sergio Sant'Anna e de Osman Lins: respostas ficcionais à 'morte do autor'?", Enéias Tavares reflete acerca de provocações que ficção e teoria se fazem mutuamente.

Em "Inventário poético para uma morte (des)figurada", Rodrigo Santos de Oliveira propõe uma leitura temática da pluralidade de imagens e significações que a morte recebe na poesia de Hilda Hilst.

Na sequência, trazemos duas abordagens diferentes para o texto rosiano. "Em nome do bem", de Roberto Nogueira, trata de diferentes configurações da ideia de utopia, a partir da aproximação de duas personagens que antes pareceriam díspares: Zé Bebelo, de *Grande sertão: veredas*, e o Cobrador, do conto homônimo de Rubem Fonseca. Já "Outros zoos: afetividade e poética dos animais de *Ave, palavra*", de Vitor Borysow, nos conduz a um passeio intelectual e afetivo pelos textos em que Guimarães Rosa dedica seu olhar e seu trabalho de linguagem aos animais em exibição nas grandes cidades.

Fechando o conjunto de artigos, "Paralelismos entre o conto brasileiro do Caipora e o conto turco de Depegöz", de Marco Syarayama de Pinto, levanta hipóteses para explicar curiosas semelhanças encontradas entre as duas personagens do título e o Polifemo, da Odisseia.

Na seção dedicada à ficção, alguns exercícios de estilo: "Mínimo vestígio", de Gabriela Canale Miola, compõe uma insólita atmosfera, acumulada de materiais,

símbolos e sensações cujo significado flutuante faz recordar algo da "Insônia" de Graciliano. "O livro que eu quero escrever: capítulo 1", de Ana Amelia Coelho, convida a olhar para uma literatura que capte sutis movimentos das relações entre o cotidiano e as memórias pessoais, durante processos da escrita e do trabalho com textos.

Na entrevista desta edição, Lucas Piter e Elisa Cristina Lopes nos levam para conversar com Fábio Moon, um dos irmãos que adaptaram *O alienista*, de Machado, para os quadrinhos. "A qualidade elimina os preconceitos", propõe o artista.

Opiniões traz ainda a resenha de Fabiana Carneiro da Silva a *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*, do pensador Giorgio Agamben, cujas ideias podem representar valiosos dispositivos críticos aos interessados em discutir as relações entre linguagem, cultura e política nos dias de hoje.

Por fim, breve notícia de um outro projeto que veio contemplar a produção de alunos: a Série Teses e Dissertações da área de Literatura Brasileira, que tem seus títulos elencados para potenciais leitores.

Esperamos que o leitor encontre aqui bons motivos para continuarmos aperfeiçoando este trabalho. Contamos com suas colaborações, propostas, sugestões, pão ou pães, críticas à revista e discussão dos textos publicados, através do *e-mail* revista.opiniaes@yahoo.com.br.